

O FIM DE
SEMANA
CINCO ESTRELAS

AMOR

OBRAS DE ELIN HILDERBRAND PELA ALTA NOVEL

O Hotel Nantucket

OUTRAS OBRAS DA AUTORA

The Beach Club
Nantucket Nights
Summer People
The Blue Bistro
The Love Season
Barefoot
A Summer Affair
The Castaways
The Island
Silver Girl
Summerland
Beautiful Day
The Matchmaker
Winter Street
The Rumor
Winter Stroll
Here's to Us
Winter Storms
The Identicals
Winter Solstice
The Perfect Couple
Winter in Paradise
Summer of '69
What Happens in Paradise
28 Summers
Troubles in Paradise
Golden Girl
Endless Summer

ELIN
HILDERBRAND

O FIM DE
SEMANA
CINCO ESTRELAS

Tradução de **Marcia Men**



ALTA BOOKS

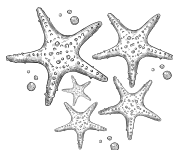
GRUPO EDITORIAL

Rio de Janeiro, 2025

*Para Michael Carlisle e David Forrer,
com amor e gratidão eterna.*

Cinco estrelas não são o bastante.

Prólogo: Nantucket



mais um verão na ilha se aproxima e, como sempre, temos muito sobre o que conversar. O chef Mario Subiaco pediu Lizbet Keaton em casamento no mirante do Hotel Nantucket; há uma equipe de filmagem gravando em Monomoy (Sharon Loira disse que ouviu “de fontes seguras” que é uma minissérie para a Netflix); Ed Kapenash, o chefe de polícia, foi internado no Nantucket Cottage Hospital depois de reclamar de dores no peito — e está havendo um debate acalorado sobre se Nantucket deveria ou não permitir praias de topless. (Nós nos consideramos progressistas e sofisticados, mas vamos encarar os fatos: não somos a França.)

E aí ouvimos um boato de que Hollis Shaw será a anfitriã de algo que ela mesma está chamando de “Fim de Semana Cinco Estrelas” em sua casa em Squam.

Isso, é claro, prende toda a nossa atenção.



Hollis Shaw é algo como um unicórnio.

Ela começou a vida como uma de nós. Era filha de Tom Shaw, o encanador mais ocupado de Nantucket, e de Charlotte Shaw, uma professora de jardim de infância. Quando Hollis era uma criança de colo, com pouco menos de dois anos, Charlotte Shaw morreu de um aneurisma enquanto tomava banho e Tom Shaw teve que criar

a filha sozinho. Porém, nesta ilha, nós ajudamos uns aos outros — é preciso uma aldeia! — e todos nós oferecemos apoio moral conforme Hollis crescia. Nós a assistimos dançar em suas apresentações de balé, fazer arremessos livres no Boys and Girls Club e torcer por seu namorado, Jack Finigan, nas arquibancadas durante os jogos de futebol americano dos Nantucket Whalers. Hollis era uma boa aluna, uma excepcional arremessadora de softball (o time ganhou o campeonato estadual no terceiro ano do ensino médio de Hollis e ficou em segundo durante o seu último ano) e uma trabalhadora esforçada. O chalé em Squam onde ela morava com o pai era modesto (embora o terreno da casa valesse uma fortuna) e, assim que Hollis teve idade para isso, era ela quem cuidava da casa e cozinhava toda noite. Ela arrumou um emprego abrindo vieiras no Antigo Píer Norte e nos verões ela e sua melhor amiga, Tatum, serviam mesas no Rope Walk.

Em seu último ano no ensino médio, Hollis escreveu aquilo que a srta. Fox, sua professora de inglês, chamou de “a melhor redação para a faculdade que ela já lera em 31 anos”. Era em estilo de carta para sua falecida mãe, Charlotte. *Querida mamãe, começava, acho que você teria orgulho daquilo que me tornei. Eis aqui alguns dos motivos.*

Foi agrídoce quando Hollis decidiu ir para a Universidade da Carolina do Norte, em Chapel Hill. Estávamos orgulhosos de nossa menina — ela recebeu uma bolsa de estudos integral —, mas, uma vez que ela partiu, sentimos saudade dela.

Após se formar na faculdade, Hollis se mudou para Boston, onde trabalhou como assistente editorial de gastronomia na revista *Boston* e pôde comer, às custas da revista, em todos os “Novos e Melhores Restaurantes” da cidade. Ela acabou conhecendo Matthew Madden, um residente de cirurgia formado na Faculdade de Medicina de Harvard. Eles se casaram em Wellesley, compraram uma casa em Wellesley, e criaram sua filha, Caroline, em Wellesley.

Quando Tom, o pai de Hollis, morreu em 2007, Hollis herdou a propriedade em Squam. Ao longo do inverno, assistimos enquanto o chalé minúsculo onde Hollis cresceu era transferido para o limite do terreno e um elegante lar rústico, com vigas de madeira aparentes, era construído em seu lugar.

É oficial, pensamos. Hollis Shaw se tornou uma veranista. (Mas, pelo menos, era a *nossa* veranista. Afinal, ela podia ter migrado para

Martha's Vineyard.) Ela entrou para o Field and Oar Club, onde jogava tênis; trabalhou como voluntária no Nantucket Book Festival; e, nas tardes de domingo, nós a víamos no Deck, sentada numa das melhores mesas junto da amurada acima dos riachos de Monomoy, tomando um rosé e rindo com pessoas que não reconhecíamos.

Mas será que ficamos incomodados por Hollis não agir ou parecer uma moradora local, ou por ela vir para a ilha apenas durante os meses de verão e para o Stroll, e de vez em quando para um final de semana de Ação de Graças e do festival Daffodil? A resposta honesta a essa pergunta é: alguns de nós ficaram, enquanto outros estavam simplesmente felizes por ela estar feliz.

Todos nós, contudo, fomos rápidos em reivindicar Hollis como uma das nossas quando ela ficou famosa na internet!

Durante os dias mais sombrios da pandemia — quando empresas fecharam, a bolsa de valores despencou, restaurantes viraram apenas delivery e o número de mortos só subia, subia, subia —, Hollis postava conteúdo bem editado em seu blog gastronômico, então modesto, chamado *Famintos com Hollis* (na época, era uma “comunidade gastronômica” de 274 assinantes). Hollis filmou a si mesma em sua cozinha, em Wellesley, fazendo um sanduíche de carne com picles caseiros refrigerados num pão japonês de leite recém-saído do forno. O vídeo viralizou. Exatamente como o vídeo do cavalheiro italiano tocando violino para seus vizinhos da sacada de seu apartamento em Bolonha, o vídeo de Hollis tocou as pessoas. O sanduíche era elaborado; a carne moída era salpicada de cebola e ervas e coberta com um “molho especial” rosado; os picles eram crocantes, fortes e azedinhos; o pão japonês de leite — um queridinho do Instagram — era macio, mas robusto o bastante para manter a integridade do sanduíche.

Esse sanduíche demandava muito tempo? Sim — mas de repente tudo o que o mundo tinha era tempo.

O sanduíche era barato? Sim — quatro sanduíches poderiam ser feitos com apenas dezessete dólares em compras. E havia uma versão “impossível” para veganos.

Era o que todo mundo precisava: comida reconfortante que também era inspiradora.

O modesto blog gastronômico de Hollis de súbito se tornou imodesto, e até mesmo espalhafatoso. Em uma semana, a newsletter do

blog tinha cerca de meio milhão de assinantes. Hollis acrescentou sua receita de gazpacho cremoso de tomate amarelo e um frango frito crocantíssimo. Os fãs do blog reagiam não apenas às receitas, mas também à própria Hollis. Ela se tornou a melhor amiga que todos desejavam ter; ela transmitia uma *vibe* de “vai ficar tudo bem”. Eles amavam que, nos vídeos de culinária, Hollis apresentava uma versão sem retoques de si mesma: rugas, sardas, um leve queixo duplo. (As mulheres de meia-idade entre os fãs pensavam: *antes ela do que eu. Jamais permitiria que uma câmera desse um close tão de perto.* Os fãs entre os Millennials e os da Geração Z pensavam: *se ela não quiser maquiagem, tudo bem, mas que tal um filtro?*) O cabelo loiro de Hollis exibia um toque de grisalho e ela o usava num estilo nada estiloso: reto, dividido ao meio, atrás das orelhas. Seu pescoço estava sempre bonito. (*O que será que ela usa nele,* os fãs se perguntavam, *e será que ela vai colocar o link dos produtos em algum lugar?*) Hollis sempre usava uma blusa de algodão bem-passada (do mesmo modelo nas cores do arco-íris, embora todos concordassem que ficava mais bonita em azul-celeste) com o colarinho engomado virado para cima e um par de argolas douradas do tamanho de uma moeda de 25 centavos. Quando alguém perguntou sobre os brincos, confidenciou que tinham sido um presente de seu pai ao se formar no ensino médio, em 1987. Os fãs a enalteciam por “manter os pés no chão”, embora não pudessem deixar de reparar na enorme aliança de noivado de diamante (devia ter uns três quilates!) e na aliança de casamento de diamante e safira.

Depois de Hollis postar um vídeo de uma torta de batata e cheddar branco com uma casquinha crocante de bacon, a newsletter de seu blog rompeu a barreira de um milhão de assinantes. (Tinha que ser bacon!) Com a ajuda de sua filha, Caroline, que era estudante de cinema na NYU e extremamente experiente com tecnologia, Hollis começou um site para o blog e acrescentou duas funcionalidades. A primeira, chamada Luzes na Cozinha, era um mapa interativo do mundo. Quando alguém interagiu com o site, um pontinho de luz aparecia no mapa de modo que os visitantes podiam imaginar outro cozinheiro em, digamos, Spokane, Washington, ou Grand Island, Nebraska, de pé em sua cozinha picando cebolinha e salsinha para a salada de tortellini de Hollis.

A segunda funcionalidade, chamada Quadro de Avisos, permitia que seus fiéis seguidores deixassem mensagens, postassem receitas,

resenhassem restaurantes, criticassem livros de receitas e fizessem perguntas como *por que a Planters ainda coloca castanhas-do-Pará na lata de mix de nozes, se ninguém gosta delas?* Hollis também postava pessoalmente no Quadro de Avisos uma ou duas vezes por semana, colocando a comunidade a par de seus triunfos mais recentes: ela tinha sido convidada para projetar sua própria linha de utensílios de cozinha, tinha um contrato surgindo para um livro, havia rumores de um programa próprio, incluindo não apenas dicas de culinária, mas também de estilo de vida.

Sim, sim, sim! Os milhões de fãs de Hollis queriam tudo. Eles não se cansavam de nossa Hollis Shaw (e nós estávamos encantados por ela ter mantido o sobrenome de solteira). A vida dela era tão limpa, tão organizada, tão abençoada, que as vidas deles melhoravam simplesmente por estar adjacente à dela. Hollis tinha 1.670 assinantes de Nantucket em sua newsletter (inclusive sua antiga professora de inglês, a srta. Fox, que “sempre soube que ela chegaria longe”). No verão de 2022, *Famintos com Hollis* era tão popular quanto Wordle e os rolinhos matinais da Wicked Island Bakery; não podíamos ir ao RJ Miller Salon ou beber alguma coisa no Ships Inn sem ouvir falar em Hollis Shaw.

Ela havia se tornado uma verdadeira celebridade de Nantucket.



Na quinta-feira, 15 de dezembro, a srta. Fox está no site procurando pelas receitas de aperitivos fáceis que Hollis prometeu postar — a srta. Fox tinha que comparecer a um amigo secreto pirata — quando uma nova mensagem de Hollis no Quadro de Avisos apareceu em sua tela.

À comunidade Famintos com Hollis:

Matthew, meu marido, faleceu inesperadamente esta manhã. Preciso pedir por privacidade enquanto enfrento essa tragédia devastadora. Vou me afastar do site por algum tempo, e tenho certeza que todos vocês compreenderão. Espero retornar eventualmente, embora, neste momento, não consiga nem imaginar quando.

Dê um abraço apertado em seus entes queridos.

Com gratidão, Hollis

A srta. Fox arfa. *Ah, não! O que houve?* Ela pesquisa “Matthew, marido de Hollis Shaw”. Ela sabe que Hollis é casada — aquelas alianças! —, embora Hollis nunca mencione o marido. (A srta. Fox e algumas das outras queriam que ele fosse mais presente, como Jeffrey, de Ina Garten.) Sempre que a srta. Fox pensa em Hollis com alguém, ela visualiza o seu antigo namorado do ensino médio, Jack Finigan, com aquelas covinhas fofas.

Na manhã seguinte, no *Nantucket Standard*, todos nós vemos o obituário: “Dr. Matthew Madden, residente de verão, morto em um acidente automobilístico”. A notícia também saiu no *Boston Globe* (“Famoso cirurgião do MGH e professor da Faculdade de Medicina de Harvard morto em acidente de carro em Wellesley”) e no *New York Times* (“Dr. Matthew Madden, um dos principais cirurgiões cardíacos e palestrante internacional, morre aos 55 anos”).

A srta. Fox quer entrar em contato, e não está sozinha nisso — em questão de horas, há 17.262 mensagens no Quadro de Avisos oferecendo preces e intenções, algumas postadas por pessoas que também perderam maridos, esposas, pais, irmãos, filhos. Os seguidores de Hollis acham a mensagem dela tão crua e tão compreensível que podem imaginar seus dedos trêmulos ao digitá-la; podem ouvir seus soluços entrecortados. Todos eles querem oferecer consolo... Mas seus motivos não são completamente altruístas. Quando Hollis estará de volta ao site? No Dia dos Namorados? (Não, cedo demais.) Páscoa, talvez?

Aqui em Nantucket, pensamos no quanto a vida pode ser injusta: a mãe de Hollis morreu tão jovem, e agora o marido dela também. Nós nos perguntamos se Hollis voltará para a ilha no verão. Será que estará disposta a jogar tênis no Field and Oar Club ou tomar rosé no Deck? Eddie Pancik, ou Eddie Veloz, nosso agente imobiliário eternamente sedento, pergunta para sua irmã, Barbie, se seria de bom tom ver se Hollis planeja vender a casa em Squam.

“Não, seu idiota”, diz Barbie.

Em 21 de junho, o primeiro dia de verão, Romeo, da Steamship Authority, relata que Hollis Shaw acaba de desembarcar da balsa em seu fiel Volvo, que está carregado de caixas, bolsas e o que parece ser, olhando da janela, um forno de pizza portátil; a pastora iugoslava de Hollis, Henrietta, está dormindo no banco de trás. *Bom para a Hollis*, pensamos. *Voltou para casa.*

Por algumas semanas, avistamentos de Hollis pela ilha eram raros. Ela não compareceu ao Nantucket Book Festival nem à reunião anual da Associação de Moradores da Squam Road. Johnny Baylor, que faz entregas para a Doordash, reportou ter entregado sushi do Bar Yoshi na casa de Hollis certa noite, e um pãozinho de lagosta do Sea Grille em outra ocasião. A vizinha de longa data de Hollis, Kerri Gasperson, vê Hollis passear com Henrietta ao crepúsculo, mas Hollis está com seus AirPods no ouvido e Kerri não quer incomodá-la.

Entendemos que leva tempo para processar uma perda súbita e inesperada. Presumimos que Hollis vá passar o verão sozinha, praticando o autocuidado e lamentando em privado o homem com quem foi casada por 24 anos.

Porém, quando ouvimos falar do Fim de Semana Cinco Estrelas — tão criativo! Tão incomum! —, todos concordamos: isso pode ser exatamente do que ela precisa.





Relatório de Acidente I



É o começo da manhã do dia 15 de dezembro, Hollis Shaw está na cozinha de sua casa em Wellesley preparando a massa para tarteletes de cheddar. Seu marido, o dr. Matthew Madden, tem um voo às dez horas para a Alemanha — ele apresentará um artigo numa conferência de cardiologia em Leipzig e ficará fora por cinco dias.

Esta cena de abertura, se Hollis fizesse um vídeo dela, seria de felicidade doméstica. Hollis veste um pijama xadrez vermelho; seu cabelo está preso por uma piranha. Ela tem uma tigela de café com leite fumegante ao lado da tábua de mármore frio com veios cinza onde está abrindo a massa. Canções natalinas tocam no sistema de som; “The Holly and the Ivy” é a favorita de Hollis e ela canta junto numa voz imitando ópera. A cozinha de Hollis está toda enfeitada para o final do ano: grinaldas de abeto contornam as vigas de madeira e sua coleção de panelas de cobre reluz como moedas novinhas nas prateleiras expostas. Ela montou uma “árvore de cozinha” com ornamentos culinários: um pequeno batedor de claras de metal, um rolo de abrir massa de madeira, uma caixa de donuts de porcelana. Hollis também pendurou guirlandas em miniatura em todos os armários com porta de vidro. (Sua filha, Caroline, provavelmente declararia as guirlandas — assim como as jarras de geleia cheias de doces listrados e balas de goma — “um exagero”.) A janela panorâmica acima da pia onde Hollis lava a louça dá para carvalhos adultos e plantas perenes do jardim lateral. A vista oferece uma distração agradável, especialmente nesta manhã, enquanto flocos de

neve com o tamanho e a fofura de bolas de algodão espiralam até o chão. O que Hollis mais gosta durante os feriados de fim de ano é a neve.

Seu temporizador apita e Hollis tira do forno uma bandeja de bacon crocante. Feito mágica, sua pastora iugoslava, Henrietta, entra tilintando na cozinha (Hollis pendurou sinetas na coleira dela) e levanta a carinha peluda.

— Tudo bem — diz Hollis, e dá um pedaço para a velha garota.

Ela seca o resto num papel-toalha ao lado do quiche de Gouda defumado e pimentão vermelho que havia feito mais cedo naquela manhã. Ela corta uma fatia do quiche e a ajeita num prato com algumas fatias de bacon e gomos de laranja Cara Cara, de um tom rosa delicioso e surpreendente.

Quando ouve os passos de Matthew nos degraus, ela fecha os olhos e respira fundo.

Não toque no assunto, diz ela a si mesma. *Deixe ele ir com elegância.*



A verdade, porém, é que essa viagem a Leipzig incomoda Hollis; ela ficou metade da noite acordada por causa disso. Matthew vai apresentar seu artigo amanhã de manhã, então poderia tranquilamente sair da Alemanha amanhã à tarde e chegar em casa a tempo para a festa anual de fim de ano deles no sábado. Hollis e Matthew faziam uma festa de fim de ano desde que se mudaram para Wellesley, e era sempre no terceiro sábado de dezembro. Matthew disse que “achou que seria depois”, então fez planos de ficar na conferência até o final e de lá viajar para Berlim a fim de visitar seu mentor, o dr. Emanuel Schrader, que acabara de ser diagnosticado com Parkinson e não podia mais realizar cirurgias.

— Mas você não pode perder nossa festa! — dissera Hollis, quando ele lhe contara.

Matthew havia rido.

— Podemos concordar que essa é a *sua* festa, docinho. Com toda a elite de Swellesley presente, você não vai nem reparar que não estou lá.

O tom dele era leve, até brincalhão — mas Hollis ainda assim ficou magoada. Ela de fato dava a festa praticamente sozinha

todo ano. Fazia toda a comida — as tarteletes de cheddar, os sanduíches de lombo, as batatinhas cobertas com caviar —, lustrava as taças de champanhe, alinhava as luminárias ao longo da entrada até a frente da casa e enchia sacolas de presentes com sua bala toffee caseira para os convidados levarem para casa. Ela enviava os convites, e sua lista ficava mais longa a cada dezembro (exceto pelo ano em que Hollis rompeu com Electra Undergrove e sua turma).

Apesar disso, Hollis não consegue imaginar ficar de pé na porta para saudar todo mundo sem Matthew ao seu lado. É *literalmente* impensável.

Mas, aparentemente, não para ele.



Agora Matthew entra na cozinha. Ele sempre usa terno quando viaja de avião, e hoje está com a gravata vermelha da Vineyard Vines estampada com papais noéis em lanchas — exatamente a gravata que Hollis havia comprado para ele *usar na festa*! Ele cantarola junto com a canção tocando naquele momento — “Once in Royal David’s City” — e estende o pulso direito para que Hollis possa ajudá-lo com a abotoadura, que é uma rena prateada. Ele certamente está com o espírito natalino.

Hollis inspira o cheiro da loção de barbear da Kiehl’s que ele usa. Ela ama esse cheiro; faz com que se lembre das noites de encontro e das manhãs (cada vez mais raras) em que acorda nos braços dele.

Não consegue acreditar que ele está partindo.

Ela faz muito esforço para tentar dizer *Aqui está o café da manhã*, ou *Deixa eu pegar o seu café* — Matthew toma café sem açúcar e es-caldante, e ela só serve quando ele já está de pé, diante dela. Porém, em vez disso, o que sai de sua boca é:

— Eu *queria muito mesmo* que você mudasse seus planos.



Depois que Matthew sai para o aeroporto — muito mais tarde do que ele queria —, Hollis junta a massa numa bola, envolve-a em plástico e a coloca na geladeira. Não está mais com vontade de cozinhar. O café da manhã de Matthew está intocado, mas, em vez de cobrir o prato com papel-alumínio e guardá-lo para depois — ela detesta

desperdício, resultado de ser filha de Tom Shaw —, ela joga a comida na tigela de Henny. Em seguida, arranca um papel-toalha do rolo e enxuga os olhos. Não consegue acreditar na velocidade com que a conversa deles escalou para uma briga.

— Ultimamente, tudo tem sido uma prioridade maior do que eu — disse ela. — Trabalho, viagens e agora o dr. Schrader.

— O homem foi meu mentor, Hollis. Berlim fica a duas horas de carro de Leipzig. Seria um escândalo não visitar ele, considerando as circunstâncias.

Em vez de admitir derrota neste ponto, Hollis se lançou em suas preocupações mais graves. Sentia que eles vinham se distanciando desde que Caroline saíra de casa para a faculdade. Hollis sempre sonhou com um casamento igual ao dos pais de Matthew — eles foram românticos e devotados um ao outro até o fim.

Entretanto, Hollis se perguntou, quando foi a última vez que seu casamento tinha sido romântico? Seria romântico se Matthew cancelasse essa viagem, mas isso não ia acontecer. Ela podia dizer apenas pela postura dos ombros dele, de seu maxilar; ele estava ansioso para sair porta afora.

— Às vezes parece que não passamos de colegas de quarto — disse Hollis.

Ela ficou tentada a mencionar quanto tempo fazia desde que eles haviam feito sexo, mas isso era tanto culpa dela quanto dele. Durante o dia, ela estava ocupada, ocupada, ocupada, e caía na cama exausta todas as noites.

Matthew fez seu truque de médico, de aparentar estar ouvindo, mas não ouvir, que era como Hollis sabia que ele não estava envolvido; apenas esperava ela terminar, o que era igualmente enfurecedor e desanimador. Matthew pigarreou e olhou para o relógio de pulso. Hollis enxugou as lágrimas que surgiam enquanto ele vestia o sobretudo e as luvas de dirigir de couro. Matthew se agachou para acariciar a cara de Henny, depois deu um abraço apertado em Hollis — ela sentiu algo, finalmente, no toque dele.

Antes de sair, ele se virou para trás.

— Você mudou — disse ele, e então suspirou. — E nós mudamos. Ele saiu na neve, fechando a porta ao passar.



Agora as palavras ressoam nos ouvidos de Hollis. *Você mudou. E nós mudamos.* Ela gostaria de dizer que não faz ideia do que ele quer dizer — mas teme que faça, sim. Desde que o site de Hollis alçou voo e surgiram as oportunidades de explorar sua nova popularidade, ela se tornou outra pessoa, uma que tem dificuldade em vivenciar um momento sem querer documentá-lo para os assinantes de sua newsletter. Agora, ela está sempre numa tela — seu celular, seu notebook, ou os dois. Ela *mudou, sim*, e por extensão, supõe ela, eles mudaram. Mas com certeza Matthew entende que, depois de vinte anos sendo esposa e mãe, Hollis está animada para construir algo seu, não?

Ela pega o telefone e liga para ele, pronta para pedir desculpas por ter a sutileza de um elefante numa loja de cristais, mas sua ligação cai na caixa postal. Liga de novo em seguida — mais uma vez, caixa postal. Ela espera pelo bipe e então diz:

— Meu amor por você não mudou.

Caso Matthew não ouça sua mensagem de voz (alguém ainda ouviu isso?), ela envia uma mensagem de texto:

Eu te amo, dr. M. Você é importante para mim. Nós somos importantes para mim.

Ela aguarda alguns instantes, mas não há resposta. Parece subitamente urgente que ela passe essa mensagem para ele, que ele a ouça dizer as palavras *Eu te amo. Você é importante.* Ela tenta ligar de novo, e de novo, cai na caixa postal.

Tudo bem, pensa ela. *Ele precisa de tempo para se acalmar.* Ela vai tentar de novo quando tiver certeza de que ele está acomodado no lounge da Lufthansa. Mas a frase *E nós mudamos* a preocupa. O que ele estava tentando dizer?

Ela se sente ficando melodramática, o que é bem incomum. Tudo vai ficar bem. Matthew vai perder a festa deles, sim, mas estará em casa com tempo de sobra para o Natal em família. O dr. Schrader tem mal de Parkinson. É claro que Matthew deveria visitá-lo.

Hollis se senta diante do notebook e decide fazer uma reserva de jantar para dois no Mistral na véspera de ano-novo. Ela e Matthew irão de Uber até a cidade para poderem tomar quanto champanhe quiserem; Hollis vai comprar um vestido novo, algo preto e sedutor. Em seguida, Hollis pretende checar seu site — seus seguidores estão esperando pela receita do tartelete de cheddar —, mas, em vez disso, entra no Facebook. Após alguns segundos inúteis tentando resistir